

**Amadeu Amaral e a questão da identidade:
uma pequena homenagem ao centenário d'O Dialeto Caipira**

Amadeu Amaral and the question of identity:
A small homage to the centenary of O Dialeto Caipira

Amadeu Amaral y la cuestión de la identidad:
un pequeño homenaje al centenario de O Dialeto Caipira

Marcelo Rocha Barros Gonçalves

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Brasil)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)
marcelo.barros@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>

Livia Maria Falconi Pires

Centro Universitário Central Paulista (UNICEP/Brasil)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)
liviamfpires@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0696-2844>

RESUMO

O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral (1920), sempre referenciado como seminal nos estudos dialetológicos do Português do Brasil pela Linguística Brasileira, completa um século neste ano de 2020. Neste artigo, que intenta ser também uma pequena homenagem ao autor e sua obra, vamos analisar, numa perspectiva discursiva da História das Ideias Linguísticas no Brasil (AUROUX, 2009; ORLANDI, 2001) e da noção de autor/autoria (MAINGENEAU, 2010), e considerando os delineamentos da Linguística Popular (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003), a questão da identidade do

* Sobre os autores ver páginas 136-137.



caipira, apontando para marcas linguísticas que permaneceram ao longo de todo este tempo. Vamos utilizar excertos do documentário *Saberes do Vale* (2018) para verificar, nos enunciados dos moradores do Vale do Paraíba, as características dantes registradas por Amadeu Amaral. Partindo da própria definição de *Caipira* proposta n' *O Dialeto*, definição esta que apresenta a questão de identidade como uma propriedade categórica, tentamos verificar a persistência de marcas de subjetividade (e não apenas linguísticas) no falar e no viver destes habitantes do interior de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa falada no Brasil; Dialeto Caipira; História das Ideias Linguísticas; Linguística Popular; Identidade Linguística.

ABSTRACT

O Dialeto Caipira of Amadeu Amaral (1920), always referred to as seminal in the dialectological studies of Portuguese in Brazil, completes a century in this year 2020. In this paper, which intends to be more than a mere tribute to the author and his work, we will analyze, in a discursive perspective of the History of Linguistic Ideas (AUROUX, 2009; ORLANDI, 2001; MAINGENEAU, 2010) in Brazil and considering the outlines of Folk Linguistics (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003), the question of the caipira's identity, pointing to linguistic marks that remained throughout this time. In a comparative table that intertwines two distinct times, we will analyze excerpts from the documentary Saberes do Vale (2018), verifying in the statements of the residents of Vale do Paraíba characteristics previously recorded by Amadeu Amaral. Starting from the definition of Caipira proposed in O Dialeto, a definition that presents the question of identity as a categorical property, we will try to verify the persistence of marks of subjectivity (and not only linguistic patterns) in the speech and living of these inhabitants of São Paulo.

KEYWORDS: Portuguese spoken language in Brazil; Caipira dialect; History of Linguistic Ideas; Folk Linguistics; Linguistic Identity.

RESUMEN

El Dialecto Caipira de Amadeu Amaral (1920), siempre referido como seminal en los estudios dialectológicos del portugués brasileño por la lingüística brasileña, completa un siglo en este año de 2020. En este artículo, que pretende ser también un pequeño homenaje al autor y su obra, analizaremos, en una perspectiva discursiva de la Historia de las Ideas Lingüísticas en Brasil (AUROUX, 2009; ORLANDI, 2001) y la noción de autor / autoría (MAINGENEAU, 2010), y considerando los lineamientos de la Lingüística Popular (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003), la cuestión de la identidad de Hick, apuntando a las marcas lingüísticas que se han mantenido a lo largo de este tiempo. Utilizaremos extractos del documental Saberes do Vale (2018) para verificar, en las declaraciones de los vecinos de Vale do Paraíba, las características previamente registradas por Amadeu Amaral. A partir de la definición de Caipira propuesta en O Dialeto, definición que presenta la cuestión de la identidad como una propiedad categórica, intentamos verificar la persistencia de marcas de subjetividad (y no solo lingüística) en el habla y el vivir de estos habitantes del interior de São Paulo.

PALABRAS CLAVE: *Lengua portuguesa hablada en Brasil; Dialecto de caipira; Historia de las ideas lingüísticas; Lingüística popular; Identidad lingüística.*

1 Introdução

Neste artigo vamos discutir a questão da identidade do Caipira, cotejando O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral ora com a produção teórica no âmbito da Linguística Brasileira mais recente, ora com um documentário denominado *Saberes do Vale*, de 2018. Vamos partir do próprio enunciado definidor “caipira” de Amaral para discutir, (para) além das marcas linguísticas do falar caipira, outras características que apontam para os costumes e hábitos significados nestas obras distantes no tempo, enfim, discutir um saber caipira que persiste temporalmente através da linguagem e de seus sujeitos, de suas histórias e seus costumes.

Organizamos o presente texto com o intuito de, num só tempo, produzir uma pequena homenagem e algumas análises dentro de um quadro teórico-metodológico específico. Assim, a primeira parte do texto concentrar-se-á numa apresentação breve e não tão tradicional da (vida e) da obra de Amaral em seus cem anos de publicação, a partir das noções de *autoridade, auctor e imagem de autor* (MAINGENEAU, 2010, p. 26, 30 e 142). Consideramos também para este encômio os delineamentos da Linguística Popular (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003; PAVEAU, 2019), em vias de consolidação no Brasil (BARONAS; COX, 2019), disciplina para a qual a pergunta sobre Amadeu Amaral poderia ser formulada nos seguintes termos: seria o autor de *O Dialeto Caipira* um *folk* linguista? Prestamos assim uma pequena homenagem a Amadeu Amaral...

A segunda parte do texto será dedicada a cerzir o quadro teórico-metodológico colocado à disposição para análise da Identidade do Caipira, partindo de algumas questões de base já pré-definidas num pano de fundo discursivo: a primeira delas é a que advém da História das Ideias Linguísticas, em especial dos seus desdobramentos a partir do processo de Gramatização (AUROUX, 2009) tal qual foi repensado no Brasil. Neste desiderato, vamos considerar que a gramatização brasileira se deu na base de uma mesma língua portuguesa, mas distinta de Portugal (ORLANDI, 2001) e que *O Dialeto Caipira* se constitui como um instrumento linguístico complexo e completo (GONÇALVES, 2012; GONÇALVES, 2020).

Na esteira de considerar o *Vocabulário Caipira* de Amaral como um dicionário, para a segunda questão de base, serão proveitosas também, as leituras de Collinot e Mazière (1997) quando analisam o discurso lexicográfico. Ao considerar *O Dialeto Caipira* como objeto de análise, o colocamos talvez (e, portanto,) dentro de uma história dos instrumentos linguísticos (MAZIÈRE, 2007).

Integrante ainda deste segundo excerto do texto, e parte do quadro teórico metodológico que propomos, *last but not least*, a questão da identidade nos termos em que pensou Achard-bayle e Cure (ACHARD-BAYLE; CURE, 2008)

no seu *Trivial Pursuit*, assim portanto em busca de uma identidade popular de caipira.

Por fim, no último tomo do texto procederemos às análises d' *O Dialeto Caipira* sempre em paralelo com as recentes hipóteses da Linguística Moderna Brasileira e com o documentário *Saberes do Vale*. Nosso objetivo seria de verificar como estas marcas linguísticas e culturais do (falar) caipira, caracterizadas aqui como identitárias, persistiram ao longo do tempo, seja pela simples permanência/ocorrência no léxico e/ou na estrutura da língua (marcas fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas), corroboradas pelos estudos mais recentes na Linguística Brasileira, seja como características consuetudinárias da própria vida dos falantes no interior do estado São Paulo.

2 Uma pequena homenagem ao autor

Boa parte das questões que vamos suscitar por aqui advém de um tipo de análise do discurso que se debruçou sobre o campo discursivo literário, principalmente (e exclusivamente) os trabalhos de Maingueneau (MAINGUENEAU, 2010) sobre o estatuto da autoridade, mais especificamente a distinção que estabelece entre autor e auctor, e conseqüentemente sobre a “imagem de autor”. Nas palavras de Maingueneau (2010, p. 32) “para ser plenamente auctor, é preciso ser reconhecido, ter uma “imagem de autor””. Isto implica levar em consideração “a recepção de sua obra num dado período ou lugar” (MAINGUENEAU, 2010, p. 139), o que para nós será considerar, nesta homenagem, a retomada de Amaral pela Linguística Nacional.

Creemos conveniente para esta pequena homenagem, mesmo que não tenha alcance à produção literária de Amadeu Amaral, as distinções em instâncias que permitem tratá-lo (ao mesmo tempo) como “pessoa” - o indivíduo fora da criação/fora do campo; como “escritor” - o ator no campo discursivo; e como “inscritor” - aquele que enuncia o texto e desempenha o papel de “ministro” no seu campo discursivo (MAINGUENEAU, 2010, p. 142). Neste mesmo texto Maingueneau (2010, p. 143) vai reformular o estatuto de inscritor, removendo dele a função de garante, de responsável atribuída ao autor. Para nós servirá a o inscritor que “subsumiria assim duas funções [...]: a de enunciador [...] e a de agenciador do texto [...]”.

Iniciamos pela leitura do paratexto d' *O Dialeto Caipira*. No original, vamos considerar como paratexto da obra a capa, a *Dedicatória*, e três outros excertos intitulados *Autores e Obras Citados em Abreviatura*, *Outras Abreviaturas e Alguns Sinais* e *Colaboradores*. Na edição de 1920 (e que permanece em 2020), Amaral vai utilizar três pessoas verbais distintas em toda a obra: a primeira pessoa *eu* na *Dedicatória* e a terceira pessoa *ele* na seção *Colaboradores*, e a primeira pessoa do plural em todo o miolo d' *O Dialeto*, o *nós* da linguagem científica universal. Tanto a *Dedicatória* (“[...] dedico este pequeno e desvalioso ensaio, em que pus[...]”) como a seção *Colaboradores* têm um papel de abonação da obra, ou seja, remetem a outros autores que de certa maneira avalizam o texto. Há um recurso interessante na seção *Colaboradores*, uma vez que Amaral se refere a si mesmo em terceira pessoa como Autor com letra maiúscula (“O Autor aqui registra [...]”) e retoma, por “agradecimento pelas informações, notas e advertências”, os

mesmos Valdomiro Silveira, Alberto Faria e Cornélio Pires, respectivamente por ele qualificados como o epígono da literatura regional de S. Paulo, o incansável estudioso do nosso folclore e o cognominado Poeta Caipira.

Na edição de 2020, são incluídas a *Introdução* de Ataliba de Castilho e as duas orelhas às capas. Na orelha de abertura uma sequência de três citações dispostas no tempo, a saber, uma da *Introdução* do próprio Amaral, uma de Antenor Nascentes no *Prefácio* de *O Linguajar Carioca de 1922* e outra de Ataliba de Castilho, extraída do próprio prefácio da edição comemorativa. Na orelha de fechamento, uma imagem de Amaral e uma pequena biografia, ou seja, um tipo de apresentação vida-e-obra. Ocorre que não há nesta última a referência à origem destas informações.

A páginas tantas, encontramos estas informações no endereço eletrônico da Academia Brasileira de Letras (ABL): a imagem de Amadeu Amaral com a farda de imortal e a sua biografia. Porém, há uma escolha de trechos específicos desta biografia, com apagamentos de toda a produção literária e jornalística, por assim dizer. Vamos interpretar este gesto como um dos recursos para a construção desta imagem (recente) de auctor de Amaral, retomado muito tempo depois como um autor de interesse para e da Linguística. Permanecem as informações de vida do autor-pessoa Amaral (*nascido em...*, *em tal data*, *falecido em...*, etc.) e são feitas estas escolhas, o que indica que o autor precisa ser recebido na (e pela) linguística brasileira.

Ao preterir as informações pertinentes à produção literária e jornalística do acadêmico, as informações que permanecem são aquelas interessantes ao campo discursivo dos estudos da linguagem, como por exemplo, sua dedicação aos estudos dialetológicos, ser o primeiro a estudar *cientificamente* um dialeto regional e de que o Dialeto fora escrito *à luz da Linguística*. Retomamos aqui o que diz Maingueneau (2010, p. 142) sobre auctor e imagem de autor: “[...] para que um indivíduo seja plenamente “auctor”, é necessário que terceiros o instituem como tal, mediante a produção de enunciados sobre ele e sobre a sua obra, em suma, conferindo-lhe uma “imagem de autor”. Nas palavras de Maingueneau (2010, p. 26), o autor é uma instância que enuncia.

Há também, na própria *Introdução* de Ataliba Castilho gestos que, por outros meios, também vão indicar para uma leitura de recepção da obra/autor na Linguística. Separamos de lá, como exemplos aqui, apenas alguns enunciados de Ataliba Castilho: “O dialeto caipira [...] desencadeou um movimento científico que está longe de esgotar-se”, “Amadeu Amaral deu início aos estudos dialetológicos propriamente ditos [...]”, o segundo período da dialetologia brasileira “foi inaugurado pelo paulista Amadeu Amaral, com o seu *O Dialeto Caipira*.”, etc.

Por fim, como numa pequena homenagem, colacionamos e registramos parte da biografia de Amadeu Amaral disponível no site da ABL, com os grifos nossos que indicam os excertos que constam na orelha da capa de fechamento da edição comemorativa da Editora Parábola:

“Amadeu Amaral (Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado), poeta, folclorista, filólogo e ensaísta, nasceu em Capivari, SP, em 6 de novembro de 1875, e faleceu em São Paulo, SP, em 24 de outubro de 1929.

Fez o curso primário em Capivari e aos onze anos veio para São Paulo para trabalhar no comércio e estudar. Assistiu a algumas aulas do Curso Anexo da Faculdade de Direito, sendo um autodidata, pois não concluiu o curso secundário. Ingressou no jornalismo, trabalhando no Correio Paulistano e em O Estado de S. Paulo. Em 1922 transferiu-se para o Rio como secretário da Gazeta de Notícias. Do Rio mandava para O Estado de S. Paulo a crônica diária “Bilhetes do Rio”. Voltando a São Paulo exerceu cargos na administração pública.

Autodidata, surpreendeu a todos por sua extraordinária erudição, num tempo em que não havia, em São Paulo, as universidades e cursos especializados. **Dedicou-se aos estudos folclóricos e, sobretudo, à dialectologia. No Brasil, foi o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional. “Dialeto caipira”, publicado em 1920, escrito à luz da Linguística, estuda o linguajar do caipira paulista da área do vale do rio Paraíba, analisando suas formas e esmiuçando-lhe o vocabulário.** Visando à formação dos jovens, assim como Bilac incentivara o serviço militar, Amadeu Amaral procurou divulgar o escotismo, que produziu frutos no país.”

3 Saberes linguístico e popular: é Amaral um linguista de meia-tigela?

Para responder afirmativamente à questão acima, vamos tratar nesta seção dos delineamentos propostos para a pesquisa no campo da Linguística Popular. Antes de adentrar na discussão, cumpre dizer duas ou três palavras sobre a segunda parte do título – um linguista de meia tigela. Especialmente, sobre essa expressão popular, que no seu uso cotidiano significa algo de pouca qualidade ou insignificante. A origem dessa expressão remonta ao período da monarquia portuguesa. Nesse período, os funcionários da realeza eram alimentados de acordo com a sua função, isto é, quanto mais importante era a função que o funcionário desempenhava mais alimento ele recebia.

Assim, os funcionários mais altos comiam uma tigela cheia de alimento e os mais baixos somente meia tigela. As quantidades estavam estabelecidas num documento oficial da realeza lusitana chamado *Livro da Cozinha del Rei*. A analogia que estabelecemos advém da maneira como a maioria dos linguistas, especialmente, os brasileiros compreendem os saberes acerca da língua e da linguagem produzidos pelos linguistas populares, leigos... Nosso desejo aqui é evidenciar que os linguistas perdem muito em seus trabalhos de pesquisa por tratarem os saberes dos não linguistas, na grande maioria das vezes, por puro preconceito, como insignificantes.

Os estudos acadêmicos na área da Linguística Popular remontam à apresentação de Henry M. Hoenigswald intitulada *A proposal for the study of folk-linguistics* na *UCLA Sociolinguistics Conference*, em 1964. Mais recentemente, *Folk Linguistics* (ver NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003) e as publicações da Revista *Pratiques* de 2008 (ver ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2019) permitem hoje circular no campo da Linguística a discussão da expressão popular. Dennis Preston (PRESTON, 2011) utiliza o termo Linguística Popular (*folk linguistics*) para se referir a todas as pessoas com exceção dos linguistas acadêmicos:

I definitely do not use the term to refer to rural, marginalized, less educated, or romanticized ("quaint") groups. We're all folk when we step into the world of traditional knowledge and ways of behaving outside our own technical training. Even then, folk knowledge may be at work when more subconscious modes prevail, although, as in the language attitudes of linguists, for example, they may be suppressed from overt comment or behavior by professional knowledge.

No contexto francófono, Paveau (2018) apresenta uma proposta não excludente ou anti-eliminativa das ideias populares, ou seja, num *continuum* de cientificidade até a Linguística. No Brasil, efetivamente, é mais recente a chegada do que chamamos de Linguística Popular como subárea dos Estudos Linguísticos. Destacamos aqui, principalmente, os esforços "inaugurais" de Baronas (BARONAS; COX, 2019), em pelo menos três momentos atuais:

- a) A publicação do Dossiê Linguística Popular | Folk Linguistics, organizado em conjunto com a professora Maria Inês Cox (Baronas, 2019) publicado com seis textos na revista Fórum Linguístico (v. 16, n. 4, 2019) – ver <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>.
- b) A Organização do I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular (SIELiPop) – ver <https://sielipopufscar.wixsite.com/sielipop>.
- c) os esforços para a publicação do livro *Linguística popular/Folk Linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?* (GONÇALVES; BARONAS; CONTI (orgs.), 2020), uma coletânea de textos inéditos e textos em língua estrangeira traduzidos ao português na área de Linguística Popular.

Mas por que, enfim, a expressão *popular*? E por que responder com a afirmativa *Sim! Amaral é um linguista popular*, se Amaral não era de todo ingênuo, ou trivial, para retomar a polissemia da expressão popular. Amaral já era *acadêmico* desde 1919 da ABL, portanto antes da publicação do *Dialeto Caipira* na forma de livro em 1920, mas sua recepção na Linguística brasileira não é assim incontestada e nem foi imediata. A conferir, por exemplo, as críticas explícitas que recebe de Mattoso Câmara (1968) e seu esquecimento nos *Agradecimentos* do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) dentre os "*maiores*, pioneiros na Dialectologia no Brasil" (CARDOSO, 2014, grifos do autor, vol.1, p. 7).

Nos casos supracitados, as queixas parecem se concentrar contra a questão do método de Amaral, ainda que se manifestem de formas distintas: no caso de Mattoso, segundo Altman (2020), há queixas sobre as razões patrióticas e sentimentais, a falta de critérios para a delimitação geográfica, a ausência de transcrição fonética, etc. Para o caso do ALIB, é verdade, Amaral (1920, p. 15) não propusera o trabalho com Atlas especificamente, mas desejava que suas contribuições permitissem, ao menos:

[...] o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, [...] e por ele, a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia

com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Mas Amaral não é, como já dissemos, de todo leigo, ou trivial, ainda que ele mesmo se reconheça como um “hóspede em glotologia” (AMARAL, 2020, p. 30). Talvez seja o caso de reconhecer que Amaral, apesar de uma recusa inicial de parte da Linguística, vem sendo retomado no campo de estudos da Linguística nacional, sobretudo se considerarmos sua recepção mais recentemente. Nas palavras de Ceschin (1999, p. 15), ele era um “autêntico “scholar”, um “scholar” urbano e progressista de origem caipira” (aspas do autor). Se compartilhamos com Altman (2018) a ideia de que havia neste período do início do século XX uma espécie de “clima de opinião”, ou de “clima intelectual”, um *zeitgeist* brasileiro, Amaral é sem dúvida nenhuma um *scholar* não-acadêmico, um linguista fora do templo (ACHARD-BAYLE; PAVEAU, 2019).

Mais adiante veremos como se dá a recepção d'O *Dialeto Caipira* pela Linguística, a partir de sua edição comemorativa de centenário. A seguir, vamos tratar da questão da identidade popular.

4 A Identidade Popular

Atualmente faz pouco ou nenhum sentido tomar o debate sobre a questão da identidade como faziam os *Homens de Letras* no Brasil na virada do século XIX para o XX. Como diz Moita Lopes (2006, p. 22-23), os tempos de hoje:

São tempos em que os ideais da modernidade têm sido questionados e reescritos, principalmente aqueles referentes à definição do sujeito social como homogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso [...], como também os ideais que dizem respeito a formas de produzir conhecimento sobre tal sujeito, que tradicionalmente o descorporificam no interesse de apagar sua história, sua classe social, seu gênero, seu desejo sexual, sua raça, sua etnia etc.

A exemplo do que fez Achard-bayle e Cure (2008), quando analisavam os dicionários *não-* ou *pré-*científicos franceses no final do século XIX, vamos nos preocupar também com a questão da identidade popular. Eles verificaram que “[...] a identidade [...] é hoje construída de acordo com teorias mais ou menos “triviais”, [e] baseia-se em concepções ou conceituações comuns ou ordinárias”. Esses instrumentos linguísticos, os dicionários e também as gramáticas, não são um objeto linguístico qualquer, espontâneo. Eles participam de um saber, de uma organização, de um método e, segundo Achard-bayle e Cure (2008, p. 30):

[...] parecem não se inscrever, portanto, dentro da Linguística Popular. No entanto, até o final do século XIX, esses tipos de dicionários são obras de estudiosos, de eruditos. Naquela época, o estudioso/erudito

é considerado pela instituição como um amador. Sua abordagem, diferentemente da do especialista, é mais “experimental”, menos científica e seu saber, mais empírico.

Homem de seu tempo, bem mais jornalista que erudito, pois terminara os estudos secundários, Amaral vai embarcar no discurso bastante comum do “clima de opinião” da época (ALTMAN, 2018), nacionalista sobretudo, e que nos estudos da linguagem se centrava na questão dos dialetos e da Língua Nacional. Assim Amaral (2020, p. 29) trazia a discussão da oposição entre “[...] o Português Insular e até do português corrente nas demais regiões do país”; e com ela a definição de um *sujeito social caipira*, homogêneo, com uma identidade categoricamente pré-determinada e previamente preenchida de categorias e de marcas linguísticas e culturais.

Esse choque entre sua visão pró-desenvolvimentista de um lado, e essa construção de uma identidade popular e categórica para o falar caipira, para o falante caipira, de outro, talvez explique o porquê da tese pessimista de Amaral para a permanência do dialeto. Em meio às condições sociais progressistas, Amaral (2020, p. 28) não via possível a permanência do dialeto caipira, porque:

Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.

Todavia, a tese de desaparecimento do dialeto caipira de Amadeu Amaral não se concretizou e a questão da identidade, no tempo, diremos de maneira muito vulgar, parece ter também permanecido como o barco de Teseu. Veremos mais adiante, tanto na recepção d'O Dialeto Caipira pela Linguística quanto na manifestação de marcas linguísticas e culturais no (exemplo do) documentário *Saberes do Vale* (2018), que as categorias postas à disposição para definição do caipira, de uma *identidade caipira*, talvez tenham resistido ao tempo.

5 O discurso lexicográfico

No âmbito de uma história dos instrumentos linguísticos, a análise do discurso lexicográfico:

[...] traz uma nova compreensão do discurso dicionarístico, que não é um metadiscorso, mas um discurso comum levado nas materialidades formais de uma língua empírica. Desse modo, o dicionário participa dos discursos sociais, culturais, políticos de uma época ou de um

ambiente, em sincronia com eles. [...] Por fim, o dicionário aparece aqui como um dispositivo discursivo que projeta sobre um mundo assignificante uma forma significante.” (MAZIÈRE, 2007, p. 121)

Na mesma esteira, analisando os primeiros dicionários monolíngues brasileiros, em especial os trabalhos de Macedo Soares e Beaurepaire-Rohan, afirma Nunes (2006, p. 205) que:

No último quartel do século, com os movimentos Republicanos, surgem os chamados dicionários de brasileirismos. Estes realizam uma compilação de produções anteriores e continuam a funcionar como complemento dos dicionários portugueses. Tem lugar nesse momento a construção de uma imagem dos falantes como “povo” brasileiro e a formação de um discurso de língua nacional. Percebe-se uma prática de reconhecimento das diferenças e dos falares existentes no território, de maneira que o dicionário se apresenta como um instrumento de descrição e transformação dessas diferenças, seja pelo discurso da moral, seja pelo da técnica.

Para nós, a condição básica de um dicionário é que ele apresente uma relação de itens lexicais pareados na forma de lista, geralmente em ordem alfabética. Monolíngues, bilíngues, *n-língues*, de todos os tipos e gêneros, dentre os mais comuns estão os dicionários de sinônimos, os de língua à língua para tradução e, no Brasil, particularmente, os dicionários de falares regionais. Hodiernamente, os dicionários (principalmente os acadêmicos) apresentam mais ou menos a mesma estrutura de apresentação das entradas, conforme indicamos abaixo:

ENTRADA. [Transcrição Fonética]. Categoria Gramatical. Equivalente Linguístico (Sinônimo, Tradução). Ocorrência (exemplo de usos).

Além desta estrutura a que nos referimos acima, outra característica recorrente nos dicionários é a circularidade, às vezes com remissões explícitas nas próprias entradas – quando normalmente se utiliza o Verbo *Ver* + a outra *Entrada*, ou a preposição *de* + a outra *Entrada* para indicar origem/derivação de um termo, ou a expressão *o mesmo que* + outra *Entrada* para indicar sinonímia, etc... Como um recurso, ela se dá entre entradas diferentes e consiste numa espécie de enclausuramento de sentidos, quer dizer, os significados são referidos entre (e dentre) as próprias entradas no mesmo dicionário. Assim, uma forma dicionarizada numa determinada entrada é retomada em outra, criando um efeito de hermetismo, de encerramento das próprias possibilidades da língua.

Em alguns casos, esquematicamente podemos ter “Entrada 1. Sinônimo 1. Sinônimo 2. ... Sinônimo N.”; e um dos *n* sinônimos é retomado noutra lugar do dicionário, transformado alhures em Entrada 2, por exemplo. No exemplo abaixo, a circularidade é dada por um mecanismo sintático, estrutural por assim dizer, no qual as Entradas estão circunscritas apenas à estrutura das palavras.

Veja de maneira ilustrativa como a circularidade ocorre no dicionário Aulete Digital:

acochar

[...]

8. MAR. Ver cochar

[F.: de a- + cochar.]

cochar

[...]

4. Ver acochar

Em Amaral (2020, p. 80 e p. 122), para a mesma entrada *Acochar*, quando o autor remete a Entrada **cochar** através da indicação *De + a nova Entrada*:

ACOCCHÁ(R), *v.t.* – torcer como corda: “É preciso *acochá* meió esse fumo.” // De **cochar**.

COCHÁ(R), *v.t.* – torcer e apertar como corda (o tabaco, ou, à brasileira, o *fumo*). // A definição acima, sem a restrição que lhe assinalamos em parêntese, parece convir à acepção lusitana do t.

Outro exemplo do recurso à circularidade em Amaral (2020, p. 129) ocorre também entre os pares *Cuia* e *Cuieté*:

CUIA, s.f. metade de um fruto de cabaceira, ou cuitê, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinha. [...]

CUIETÉ, s.m. – árvore que produz um fruto grande, de casca rija, utilizado para vasilhas, esse mesmo fruto. [...]

Neste caso, o termo *vasilha* e os verbos no particípio *usado como* e *utilizado para* parecem permitir a injunção das duas cenas definidoras, fazendo com que os objetos cenográficos discursivos – a árvore, o fruto, o tamanho (a metade, grande) – revelem e signifiquem os atores da cena. Assim também funciona com a utilidade do objeto, sua inscrição/existência na vida cotidiana de seu usuário, revelando algo sobre o seu dia a dia.

Do ponto de vista de sua organização, como segunda parte da obra, o *Vocabulário* de Amadeu Amaral está dividido em cinco seções menores, as quatro primeiras intituladas: (i) O que contém este vocabulário; (ii) As várias formas; (iii) Abonações; (iv) Abreviaturas e, por último(a), e sem título, (v) a lista de itens lexicais. No original de 1920, diferentemente do que ocorre na edição de 2020, há uma quebra de página que marca o início da lista de itens lexicais pareados.

A partir do que Amaral informa sobre a estrutura de suas entradas nas seções (ii), (iii) e (iv) podemos destacar a seguinte estrutura subjacente:

ENTRADA – forma mais frequente (em VERSAL), Outras Formas e pronúncias – na mesma linha (em VERSALETE). Categoria Gramatical – abreviada. Formas que diferem das correspondentes da língua – mesma linha, em *itálico*. Citações – exemplos de uso entre aspas, autores entre parênteses. // Comentário do Autor.

Isto posto, considerando a estrutura e o funcionamento do *Vocabulário* de Amadeu Amaral constante n’O Dialeto Caipira, não é forçoso dizer que se trata de um dicionário – *caipira* – e que é, para retomar as palavras acima de Mazière (2007), um dispositivo discursivo que projeta “sobre um mundo assignificante uma forma significante”, e portanto, (de novo) aquilo *que significa caipira*. E insistimos: o *Dialeto* pode também ser entendido como um instrumento linguístico, uma “tecnologia” para retomar os termos de Auroux (2009), que opera o processo da Gramatização Brasileira, na oposição entre o Português de Portugal e um Português do/no Brasil.

A seguir, vamos tratar do *Caipira* n’O *Dialeto Caipira* com base nas ocorrências do termo, tomando ora as afirmações do autor no texto corrente da obra, ora a partir dos enunciados definidores no vocabulário/dicionário.

6 Caipira para Amaral

Na seção Introdução, o *Caipirismo* é circunscrito num espaço-tempo linguístico claramente recuperável: uma localização geográfica (“no território da antiga província de S. Paulo”, p. 27), uma posição no tempo (“[...] até vinte e cinco a trinta anos atrás [...]”, p.27) – no fim do século XIX; e considerado como um dialeto da Língua Portuguesa (“[...] esse aspecto da dialeção portuguesa em S. Paulo.”, p. 30). Segundo Amaral (2020, p. 28): “Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana”.

A seguir, vejamos como é apresentado o *caipira* nos enunciados definidores, ou seja, nas entradas do *Vocabulário* (os sublinhados são nossos):

CAÏPIRA, s. m. – habitante da roça, rústico. – q. – próprio de matuto, digno de gente rústica: “Você é um menino *caipira*”. – “Que vestido tão *caipira*, esse que mandou fazer!” // Este voc. É usado em Portugal, pelo menos, há cerca de um século. Em 1828-1834 designava os constitucionais em luta com os realistas. No Minho, homem sovina, avarento, seg. o *Novo dic.* Em Ponte de Lima, já L. de Vasc. Colhera significados semelhantes. Camilo empregou-o na *Brasil. de Praçzins*, em acepção que não se depreende bem do contexto: “Aglomeravam-se aí duas Bragas – a fiel, caipira, pletórica de fidalgos...” Em Pernamb., é nome de um jogo popular, que se joga com um dado único (Garcia). – Qual origem? Como todas as palavras de aspecto indígena, real ou aparente, tem fornecido largo pasto à imaginação dos etimologistas. Uns derivam de “*currupira*”, sem se dar o trabalho de explicar a transformação; outros, da “*caapora*”, o que é ainda mais extravagante, se é possível. C. de Mag. entendia que era ligeira alteração de “*caapira*”, mondador de mato.

GENTARADA, s.f. – grande quantidade de pessoas, reunião de gente. // Cp. os coletivos *pe(i)zarada*, *bicharada*, *chuvarada*, etc.

MUCHIRÃO, MUTIRÃO, s. m. – reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola – roçada, plantio, colheita;

terminando sempre em festa, com grande jantar ou ceia, danças e descantes. // [...]

Além da definição estabelecida na entrada *caipira*, destacamos os termos *gentarada* e *mutirão* por duas razões bastante simples: porque identificamos a questão da circularidade e porque verificamos exemplos no documentário *Saberes do Vale* de que estes itens lexicais continuam vivos no léxico e que os mutirões continuam ocorrendo, como prática social na comunidade (de fala), marcando, portanto, uma questão de identidade (pois que persiste no tempo).

O termo *caipira* é considerado um qualificativo (*q.*) por Amaral. Trata-se de uma *propriedade de x*, e retomando a origem de *digno de* (do Latim *dignitas*), podemos dizer que *tem valor de x*. Observamos que há uma oposição entre *gente* e *roceiro*, expressa pela comparação entre *gentarada* e *mutirão*, ou seja, ainda que as duas entradas remetam à aglomeração de pessoas, opõe-se os termos, e *roceiro* estaria contido num conjunto de pessoas. Numa análise de conjuntos, poderíamos dizer que há um conjunto de gente que contém pessoas, e algumas podem ser roceiras, matutas, rústicas, enfim, caipiras. Diremos assim que, na visão de Amaral, ser *caipira* (portanto ter a identidade de...) implica em preencher categoricamente estas características.

7 O dialeto caipira na Linguística brasileira

No texto introdutório d'O Dialeto Caipira, Ataliba T. Castilho assevera que “o assunto primeiramente versado por Amadeu Amaral continua a ser ativamente tratado pela linguística brasileira”, com especial recepção na dialetologia, na Linguística Histórica e na Sociolinguística. De maneira geral podemos destacar pelo menos duas abordagens da Linguística Brasileira para a recepção do Dialeto Caipira, uma que chamaremos de histórica (ou dentro de uma Historiografia Linguística) e outra de caráter propriamente *linguístico*: a primeira abordagem que remete à obra de Amadeu Amaral um caráter seminal na segunda fase da Dialetologia Brasileira, e a segunda que trata de maneira *científica* (confirmando portanto hipóteses de Amaral nos dias de hoje) a permanência e o estudo das formas do falar caipira, sob as mais diferentes inclinações metodológicas. Nas palavras de Castilho (AMARAL, 2020, p. 17):

[Amaral] observou os usos do português em Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, descrevendo detalhadamente a pronúncia, questões de gramática e de vocabulário da região. [Ele] tratou do [r] caipira, também conhecido como [r] retroflexo, e supôs que em pouco tempo o falar caipira desapareceria. O assunto foi retomado em Rodrigues (1974) e Rodrigues (1987). Ambas comprovaram a vitalidade desse falar e do [r] retroflexo.

O [r] retroflexo permanece com vitalidade no interior de São Paulo e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Vejamos por exemplo, no âmbito da Geografia Linguística, o comportamento deste [r] retroflexo conforme os dados do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, 2014). Observamos na Carta F04 C 6 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) a realização de /R/ em coda silábica interna.

Figura 1. Carta F04 C 6 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e a realização de /R/ em coda silábica interna



Na apresentação em histogramas, é representada em azul a ocorrência da vibrante retroflexa, ou o *r* caipira, assim denominado por Amaral (AMARAL, 2020, p. 36), classificado como *linguo-palatal* e *guturalizado*. Retomamos o exemplo de Aguilera (2020) que aponta para a hipótese de que a difusão deste fonema consonantal (distribuído pelas capitais de estado, respectivamente São Paulo, Campo Grande e Curitiba) poderia estar relacionada à Rota das Monções no hoje estado do Mato Grosso do Sul, e à Rota dos Tropeiros, na porção norte do estado do Paraná. As hipóteses de Aguilera (2020) levam em consideração os fluxos migratórios no Brasil do século XX e as incursões para o interior do país nos séculos anteriores.

Por fim, apenas como exemplos e para limitar nossa pesquisa no âmbito desta mesma revista, podemos mencionar ainda o trabalho de Peres (2007) com a mudança de “vossa mercê” a “cê” e de Araújo (2012 e 2014) com a síncope das proparoxítonas. Nestes trabalhos publicados na *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Amaral parece funcionar como uma espécie de “garante” das hipóteses linguísticas apresentadas: na primeira como fiador pelo estudo dos dialetos rurais do Brasil, e na segunda como garantidor do fenômeno da redução.

Como dissemos, estes são apenas alguns exemplos da recepção de Amadeu Amaral na Linguística Brasileira. A seguir, com base em alguns exemplos colhidos no documentário *Saberes do Vale* (2018), vamos verificar se a ocorrência destas marcas – linguísticas e culturais – outrora recolhidas no Dialeto Caipira podem ser consideradas como marcas de identidade do caipira.

8 Padrões Linguísticos e Culturais: o *caipirismo* no Saberes de Vale 2018

O documentário Saberes do Vale de 2018, dirigido por Eduardo Barcelos e Rudá Andrade é composto de 4 partes intituladas *Brincar, Comer, Criar e Morar*. Como parte do Programa de Incentivo à Cultura (PROAC) da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, o documentário teve o apoio do Instituto EDP, Holy Cow Projetos e Tapirapé Digital. Neste artigo vamos analisar a quarta parte do Documentário, sub-intitulada *O Mutirão e a construção de Pau a Pique*.

Nosso objetivo com o documentário foi tomá-lo como exemplo para identificar marcas da identidade do caipira já expressas n'O Dialeto Caipira e que persistiram no tempo. Nossa metodologia de análise consistiu no recorte de trechos de enunciados de alguns depoentes, identificando, aqui e ali, marcas linguísticas que pudessem expressar não só características na fala dos caipiras, mas também valores e costumes que contribuíssem, ainda que simbolicamente, para a construção de uma representação destes habitantes do interior de São Paulo.

Além da ocorrência/permanência de alguns itens lexicais listados por Amadeu Amaral em 1920 como característicos do falar caipira (como por exemplo *Acochá, Barriá, Catira, Cipó, Mutirão...*) destacamos, dos depoimentos, a tendência morfológica de apagamento de [-s] na pluralidade dos nomes, que “ainda flutua na linguagem corrente [do] estado”, para utilizar as palavras do próprio Amaral (2020, p. 29). Seguem abaixo as transcrições dos depoentes, com grifos nossos:

1) **Ditão Virgílio**

- a) Coloca os cargueiro e sair pro sertão
- b) Fincava os esteio e depois ia fazer o pau-a-pique

2) **Agenor Martins**

Cem, duzentas pessoa num instante...

Em nossos grifos destacamos uma marca linguística glosada por Amaral referindo-se ao morfema [-s] plural:

“Como sinal de pluralidade, desaparece: *os pau, os nó, os ermão, os papé, as fró(r), os urubu.*

[...]

5. [...] a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: *OS rei, DUAS dama, CERTAS bora, [...], SUAS pranta.*” (2020, p. 62):

Além das marcas linguísticas, o documentário também vai trabalhar com as marcas culturais que vão construir socialmente a identidade que representa o caipira, a partir já das ações que pretende revelar *caipiras*. Não é apenas *Brincar, Comer, Criar e Morar*, mas sim estas ações qualificadas como *caipiras*, portanto, um *Comer Caipira*, um *Criar caipira*, e assim por diante.

No caso da cena geral *Morar*, na qual aparecem os costumes específicos do pau-a-pique, dos mutirões, da reunião de roceiros, das cantorias de brão, etc,

outras marcas vão constituir, em conjunto, a identidade deste caipira, deste matuto. Assim, podemos dizer que o documentário transita entre os sentidos do ontem e do hoje; entre o rural e o urbano; entre o individual e o coletivo, e nos permite afirmar que ser caipira, pelo menos na visão de Amadeu Amaral, é ter essas marcas de subjetividade.

9 Conclusão

Neste artigo trabalhamos com a questão da identidade do Caipira em Amadeu Amaral, um linguista popular/*folk*, a partir do manancial teórico da análise do discurso e da Linguística popular. Utilizamos as noções de “imagem de autor” e “auctoria” de Maingueneau (2010) para discutirmos a recepção da obra de Amadeu Amaral na Linguística brasileira nos dias hoje. Utilizamos ainda enunciados colhidos no documentário *Saberes do Vale* (2018) como exemplos de marcas de identidade deste caipira que persistiram no tempo. Por último, considerando a data comemorativa de cem anos da publicação d’ *O Dialeto Caipira*, aproveitamos para lhe render esta pequena homenagem.

REFERÊNCIAS

- ACHARD-BAYLE, G.; CURE, A. Trivial Pursuit. **Pratiques** [en ligne], n. 139-140, p. 29-57 déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1178>. Acesso em: 17 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/pratiques.1178>.
- ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M. Linguística popular - a linguística ‘fora do templo’: Definição, geografia e dimensões. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4257-4270, 2019.
- AGUILERA, V. (org.) **A Geolinguística no Brasil**. Londrina, PR: Editora UEL, 1998.
- AGUILERA, V. Reverberações de alguns aspectos linguísticos de *O Dialeto Caipira* em trabalhos geolinguísticos atuais. Apresentação por ocasião da homenagem a Amadeu Amaral na **Live da EDUFSCar**, promovida pela Editora da UFSCar e o Grupo de Pesquisa LEEDIM/CNPq. São Carlos, SP, 30/07/2020.
- ALTMAN, C. Zeitgeist. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 164-182, 2018.
- ALTMAN, C. 100 anos de O Dialeto Caipira. Apresentação por ocasião da homenagem a Amadeu Amaral na **Live da EDUFSCar**, promovida pela Editora da UFSCar e o Grupo de Pesquisa LEEDIM/CNPq. São Carlos, SP, 30/07/2020.
- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Casa editora “O Livro”, 1920.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 3ª. ed. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec em co-edição com a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Parábola. 2020.
- ARAÚJO, A. A. DE. A redução das proparoxítonas a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 6, n. 7, p. 7-19, 2012.
- ARAÚJO, A. A. DE.; LOPES, G. H. V. A síncope das proparoxítonas no atlas linguístico do Pará: uma fotografia variacionista. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10, p. 24-29, 2010.
- AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.
- BARONAS, R. L.; COX, M. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, SC, v. 16, n. 4, 2019.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo, SP: Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. M. A Dialetoлогия no Brasil: Perspectivas. **Delta**, vol.15. São Paulo, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300010>.
- CARDOSO, S. A. M. **Atlas linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014.
- CASTRO, V. Revisitando Amadeu Amaral. Estudos Linguísticos XXXV, **Revista do GEL**, São Paulo, p.1937-1944, 2006.
- CESCHIN, O. H. L. O Dialeto Caipira. **Revista Língua & Literatura (USP)**, São Paulo, vol. 25, p. 41-80. 1999.
- COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. **Un prêt à parler: le dictionnaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A Dialetoлогия no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 1994.
- GONÇALVES, M. R. B. **Teorias linguísticas da espacialidade: uma agenda dialetológica na gramatização do português do Brasil**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, Campinas, SP, 2012.
- GONÇALVES, M. R. B. Espacialidade e gramatização: as cenas de definição em amaral e nascentes. **Anais do SIELIPOP**, São Carlos, SP, 2020
- GONÇALVES, M. R. B.; BARONAS, R.L.; CONTI, T. **Linguística popular/Folk Linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?** Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Sousa-e-Silva; tradução Adail Sobral...[et al.]. São Paulo: Parábola editora, 2010.
- MAZIÈRE, F. **A análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MOITA LOPES, L. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

- NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. **Folk Linguistics**. Mouton de Gruyter, New York, 2003.
- ORLANDI, E. P. Lexicografia discursiva. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 97-114, 2000.
- ORLANDI, E. P. (org.) **História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.
- PAVEAU, M. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Policromias**. Rio de Janeiro, ano. III, p. 21-45, dez., 2018.
- PERES, E. P. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 155-168, 2007.
- PINTO, Edith Pimentel. **O Português do Brasil – Vol. 1 e 2**. São Paulo, SP: Edusp, 1978.
- PRESTON, D. Methods in (applied) folk linguistics. **AILA Review**, v. 24, p. 15-39. John Benjamins Publishing Company, 2011.
- SILVA, M. A nossa gramática: algumas reflexões teóricas acerca da constituição da identidade gramatical brasileira. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 4, n. 4, p. 99-110, 2010.

Recebido em dezembro de 2020

Aceito em maio de 2021.

Publicado em 30 de agosto de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Marcelo Rocha Barros Gonçalves possui graduação (1999), mestrado (2002) e doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente é professor associado do Câmpus de Coxim da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) desde 2005. Tem experiência na área de Ensino de Língua Portuguesa e Linguística Geral, com ênfase em Semântica, Pragmática, História das Ideias Linguísticas, Sociolinguística e Linguística Computacional. Nos últimos anos tem trabalhado na área de Tecnologias da Informação e Comunicação e suas relações com o Ensino de Língua Portuguesa. Atualmente é Pós-Doutorando em Linguística na Universidade Federal de São Carlos e membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM).

E-mail: marcelo.barros@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746>

Livia M. Falconi Pires é graduada em Licenciatura Plena em Letras português/espanhol pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR no ano de 2009, titulada Mestre em Linguística no ano de 2012 pelo Programa de Pós-graduação em Linguística

(PPL) da mesma universidade e Doutora em Linguística pelo mesmo PPL no ano de 2017. Fez Estágio de Pesquisa na Université de Toulouse 2 (Jean Jaurès) desenvolvendo pesquisa acerca das mulheres no âmbito político eleitoral. Participou do grupo de estudos em Análise do Discurso-Labor ,desenvolvendo pesquisas relacionadas com as mudanças no discurso político na esteira da teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Em 2010 foi vice- representante discente da pós-graduação em linguística da UFSCar e, em 2013, foi representante discente do mesmo programa. É docente do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP- São Carlos) e pós-doutoranda do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
E-mail: liviamfpres@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0696-2844>